



Guia do Professor

Episódio

Gastar e investir: Diferentes interpretações

Programa

Sinistro

Prezado Professor:

Os três episódios do programa de vídeo intitulado “Sinistro” foram elaborados de maneira a possibilitar que questões da língua portuguesa sejam analisadas. O objetivo principal deles é tratar da polissemia, ou seja, trabalhar na língua portuguesa a produção de sentidos diversos. A polissemia é tratada considerando-se a ancoragem dos sentidos às suas condições históricas de produção. Dessa maneira, as análises linguísticas serão entrelaçadas a questões que giram em torno da relação intrínseca entre a língua e a sociedade. Buscamos compreender como língua e sociedade relacionam-se a todo instante. Isso implica uma análise do funcionamento da língua, de fatos da língua. Para esta reflexão, é preciso, então, trabalhar com dois pressupostos básicos que serão melhor apresentados ao longo deste texto: um diz respeito à concepção de língua e o outro diz respeito à concepção de sujeito.

Todas as reflexões feitas a seguir estão baseadas nas obras dos autores citados nas referências bibliográficas.

Quadro Teórico

Prezado Professor:

Gostaríamos que você nos acompanhasse em nossa reflexão a respeito da concepção básica que norteará todas as nossas análises.

Sabemos que a prática cotidiana em sala de aula está repleta de conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Temos certeza de que, para cada conteúdo proposto, existem procedimentos e técnicas de ensino que são adaptadas às suas condições de



trabalho, que envolvem as instalações e a estrutura de sua escola e o perfil de seus alunos. A proposta que descrevemos aqui foi desenvolvida no sentido de apresentar materiais que podem funcionar como alternativas para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares.

É importante ressaltar que a própria configuração do material aqui proposto, ou seja, um programa de vídeo que apresente conteúdos de Língua Portuguesa de maneira não-convencional, possibilita um trabalho diferenciado com os alunos. A nossa preocupação inicial foi com o formato dos episódios do programa de vídeo: queríamos apresentar um texto que discutisse questões importantes para a disciplina de Língua Portuguesa, e que também contextualizasse esse conteúdo de maneira a captar a atenção do aluno.

O Optamos, assim, por apresentar aos nossos personagens, Pedro e Carolina, uma discussão em torno de aspectos da Língua Portuguesa. Uma das nossas preocupações foi possibilitar a retomada de questões importantes para a história como um todo: a maneira pela qual os sentidos estão relacionados às condições históricas de produção. Considerando o objetivo do episódio III, que é o de tratar de paráfrase, polissemia, censura e produção de sentidos, procuramos mostrar como os fatos da língua estão relacionados a momentos históricos. Esses materiais serão analisados nas atividades pós-exibição propostas a seguir.

Propomos que as análises sejam feitas dentro do quadro teórico da Análise de Discurso Materialista. Esse quadro teórico possibilita análises da materialidade da língua, considerando-a em seu funcionamento. Ou seja, pretendemos dar visibilidade aos processos que ocorrem quando falamos, quando a língua é colocada em movimento.

Para darmos início à apresentação dos pontos principais da proposta teórica, levando em conta os conteúdos preparados para esse episódio III do programa “Sinistros”, é interessante entender o nome ‘Análise de Discurso Materialista’.

Entendemos que **discurso** é a relação entre a materialidade significativa e a história, relação na qual os sentidos entre locutores se produzem como efeitos.

Discurso é a relação entre materialidade significativa e história, na qual os sentidos entre locutores se produzem como efeitos.



O nome ‘materialismo’ deve-se ao peso que a história tem para a compreensão dos fatos que envolvem a língua e o sujeito, considerando-se as muitas posições que o sujeito ocupa. Com essas exposições, queremos dizer que faremos a proposta de análise da palavra ‘esquerda’ sempre levando em consideração a relação entre história e sentidos. A primeira atividade a ser feita após a exibição do filme, que analisa os sentidos de ‘mão esquerda’, introduz justamente a questão da polissemia em sua relação com a história.

São dois os conceitos muito importantes para a Análise de Discurso Materialista (doravante AD), para os quais chamamos a atenção. O primeiro diz respeito à própria língua, e o segundo diz respeito ao sujeito. É importante ressaltar, aqui, que, para trabalharmos dentro dessa concepção, sujeito e língua não podem ser considerados separadamente. Vejamos por quê.

Começamos pela concepção de **língua**. Consideramos que a língua é uma das formas de linguagem com as quais o sujeito, em sociedade, convive. O Brasil é um país muito rico em formas de linguagem. Somos capazes de reconhecer nos interesses de nossos alunos a grande variedade de formas que circulam em nosso ambiente social: desenhos, pinturas, melodia, movimentos do corpo, entre outros.

Para a AD, as diferentes formas de linguagem são compostas por **objetos simbólicos** que seriam, por exemplo, os fonemas, as notas musicais, as cores, os traços, os gestos. Esses objetos simbólicos, em conjunto, formam a língua, as músicas, as pinturas, os desenhos, os movimentos do corpo. Ou seja, eles formam as diversas formas de linguagem.

A questão que é importante, no que diz respeito à concepção de linguagem, é que ela não tem um sentido único, fixo e imutável. Como a língua é uma forma de linguagem, podemos dizer que ela também não tem um sentido único, fixo e imutável: ela é polissêmica.

A **linguagem** e suas diversas formas não têm um sentido único, fixo, imutável.

Dessa maneira, estamos querendo que você, professor, considere, conosco, que as mais diferentes materialidades da linguagem - configuradas como textos escritos, fala, músicas, desenhos, pinturas - são exemplos de objetos simbólicos, por serem formados por símbolos, sejam eles gráficos, sejam eles sonoros. Essas materialidades estão



expostas ao trabalho do simbólico, se constituindo em objetos simbólicos para o sujeito. Esses objetos simbólicos estão na dimensão do discurso, o que significa que o trabalho do simbólico é sempre determinado pelas **condições de produção** do discurso e se faz, como já afirmamos acima, enquanto produção de efeitos de sentido entre locutores.

Como estamos pressupondo que eles não têm sentido próprio, fixo, imutável, trabalhamos com o conceito de que produzem efeitos de sentido. Ou seja, a linguagem, em suas mais diversas formas, inclusive a língua, é colocada em movimento pelos sujeitos. Nesse processo, isto é, quando colocados em movimento, as formas da linguagem estão na dimensão do discurso, e, por isso, conforme a definição de discurso dada acima, dizemos que produzem efeitos de sentido entre locutores.

Vamos nos aprofundar nessa questão a seguir.

Efeitos de Sentido

A questão da polissemia na língua é um grande desafio para professores, alunos e profissionais que trabalham na área da linguagem. Nós todos sabemos que os objetos simbólicos têm sentidos estabilizados em uma comunidade languageira. Sendo assim, em sua cidade, sua escola, no nosso país, nos entendemos quando falamos, quando colocamos a língua portuguesa em movimento porque há determinações que fazem com que o sentido das palavras, expressões, dos textos, apesar de não serem únicos, também não possam ser qualquer um. Nós nos deparamos com sentidos estabilizados. E, dentro do quadro teórico da AD, a estabilização dos sentidos é dada pela história.

O objetivo das análises que faremos aqui é verificar **como** esses efeitos de sentido são produzidos. Esse objetivo é diferente da pergunta que acompanha normalmente os textos, pois ela gira em torno de compreender como os sentidos se produzem em determinadas condições de produção. Dessa maneira, ao invés de nos perguntarmos o que uma palavra, uma expressão, ou um texto significam, vamos sempre tentar responder **como** eles significam. Com isso, focalizaremos o funcionamento da língua, de sua forma, de sua estrutura, e a articulação entre os diversos elementos que compõem um texto. Portanto, a grande questão de análise é investigar **como** os objetos simbólicos, em funcionamento no discurso, produzem efeitos de sentido. Isso porque, relembrando a definição acima, o **discurso é o lugar onde efeitos de sentido ocorrem**.

Sabemos que os sentidos nos parecem evidentes. O trabalho do analista de discurso,



entretanto, nos alerta para o fato de que essa evidência é resultado da identificação do sujeito com os sentidos e da estabilização destes em nossa sociedade. A identificação do sujeito a determinados sentido não é automático nem nos é consciente, sendo um trabalho da ideologia.

Sendo assim, quando somos colocados em contato com um objeto simbólico, fazemos gestos de interpretação e produzimos sentido para esse objeto simbólico. Esse processo é automático, não nos é consciente, de tal forma que agimos e reagimos produzindo efeitos de sentido sobre e para o mundo simbólico que nos rodeia.

O Papel da História

Uma das questões recorrentes e que merece destaque no nosso trabalho como professores de Língua Portuguesa é o fato de saber que o processo de fazer gestos de interpretação não é aleatório. Constantemente, em sala de aula, nos deparamos com a situação de, na leitura de um texto, ouvir interpretações de seus alunos que parecem pouco adequadas para a situação. Ou, também, são apresentadas interpretações interessantes e diferentes do esperado. Nos dois casos, as interpretações merecem análises. Relembremos que o discurso é a relação entre a materialidade significativa e a história. A partir desse pressuposto, para entendermos **como** os efeitos de sentido são produzidos, é importante pensarmos na dimensão histórica do discurso. A história entra na análise de discurso como componente essencial, ficando sua presença mais visível na análise das condições de produção do discurso.

A língua, quando colocada em movimento, está na dimensão do discurso. Sabemos que o sujeito faz gestos de interpretação porque ele ancora sua interpretação a uma memória discursiva, compreendida como o conjunto dos discursos anteriores, tudo o que já foi dito anteriormente. Isso significa que temos um ressoar de sentidos no funcionamento do discurso. A relação, que será mostrada nas atividades que serão realizadas com os alunos, de um discurso com outros, anteriores a ele, recebe o nome de **interdiscurso**.

Interdiscurso é a relação de um discurso com outros anteriores.

Em todo discurso temos, portanto, a língua, considerada, em sua estrutura material, e a história, resultado da relação da materialidade significativa com o interdiscurso. Dessa maneira, fazer uma análise discursiva significa reconhecer sempre a língua em



funcionamento, investigar como os efeitos de sentido se produzem em uma direção, e não em outra. Para tanto, é fundamental investigar as condições de produção de um discurso, ou seja, perguntar pelos lugares sociais dos sujeitos e pelas circunstâncias históricas, sociais e políticas da enunciação. O trabalho que propomos é investigar como aquilo que está presente nos materiais de trabalho produz efeitos de sentido em uma direção, e não em outra, ou seja, produz alguns efeitos de sentido e não outros. Dessa maneira, tanto a interpretação feita pelo aluno e considerada não aceitável, como aquela feita pelo aluno e considerada aceitável, podem ser objeto de análise. A pergunta a ser colocada é sempre **como**. Essa pergunta vale para as duas situações: quais foram as condições que possibilitaram a interpretação desejável, e quais foram as condições que possibilitaram a interpretação não-aceitável?

Para responder a essas perguntas, é fundamental investigar as condições de produção de um discurso, investigar quem é o locutor, quem é o interlocutor, e em quais circunstâncias históricas, sociais e políticas se deu a enunciação. Isso é válido para o discurso dos alunos e para os textos trabalhados em sala de aula.

É importante ressaltar: o discurso tem uma materialidade significativa e é por meio da análise dessa materialidade que pretendemos tratar os fatos que afetam os sujeitos em sociedade.

O Sujeito

A nossa apresentação do quadro teórico da AD nos leva, finalmente, à concepção de sujeito. Isso porque é ele que coloca o discurso em movimento, é ele que enuncia, é ele que interpreta. O discurso acontece no sujeito e por seu intermédio.

No que diz respeito à concepção de sujeito, a pergunta a ser respondida gira em torno da interpretação: quais são as condições que afetam a sua constituição e que determinam as suas interpretações?

Consideramos que o sujeito existe a partir do momento em que ele entra em contato com o discurso. Como não se concebe, em nosso mundo, um lugar no qual não exista discurso, podemos afirmar que o indivíduo é interpelado em sujeito desde sempre. A questão gira em torno da constituição do sujeito. O indivíduo é interpelado em sujeito



pela ideologia. Consideramos que ser sujeito é estar sujeito à língua na história.

Com isso, estamos dizendo que, tendo sido constituído pelo discurso, o sujeito é definido pela posição que ocupa na cadeia discursiva. A maneira pela qual falamos, os nossos alunos falam, isto é, as formas, a estrutura, as palavras e expressões do discurso são resultantes de nossa constituição. E é essa constituição pelo discurso que definirá tanto as interpretações que o sujeito fará dos objetos simbólicos, como a maneira pela qual ele é interpretado pelos outros sujeitos. Isso significa dizer que, para ocupar o lugar social de professor, por exemplo, é necessário, antes de mais nada, ocupar a posição discursiva de professor: falar como professor.

O sujeito é definido a partir da posição que ele ocupa na cadeia discursiva.

Dizemos que o sujeito é constituído como tal pelo discurso. Ele tem uma **formação discursiva**, que determina sua maneira de organizar e interpretar o mundo no qual vive. Cada vez que o sujeito coloca o discurso em movimento, ele estabiliza sua formação discursiva. Portanto, que ele estabiliza seus gestos de interpretação para os objetos simbólicos que compõem o discurso, estabilizando seus efeitos de sentido.

A Formação Discursiva define, de acordo com E. Orlandi (1999), tudo aquilo que pode e deve ser dito em um determinado contexto.

O Discurso e a Formação Imaginária

Um aspecto pouco discutido nas nossas aulas de Língua Portuguesa gira em torno da relação entre a formação imaginária e o discurso. O ato de enunciar significa um recorte nas diversas possibilidades do dizer, ou seja, quando algo é dito, outras coisas estão sendo excluídas, não-ditas. Isso nos leva a duas grandes discussões. As duas dizem respeito à constituição do sujeito por uma formação discursiva. Essa constituição o coloca em uma posição-sujeito, que faz com que os sentidos dos objetos simbólicos lhe pareçam os únicos possíveis. Dessa maneira, dizer algo de uma forma parece óbvio para o sujeito, e o processo de exclusão que isso encerra não lhe é evidente. Em casos extremos, a censura trabalha a partir desse pressuposto: interfere nas maneiras de dizer, interferindo nas maneiras de interpretar. Esse processo leva à segunda grande discussão, que é aquela que ressalta a importância de se enunciar algo que abre as



possibilidades de outros dizeres, de colocar em cena formulações novas, que causam deslocamentos nas relações em um determinado grupo social.

A Sala de Aula

A análise dos discursos que circulam em um grupo social coloca questões importantes para serem tratadas por nós, professores, em sala de aula, pois o sujeito é constituído pelo discurso da sociedade que circula em suas instituições: a família, a igreja, a mídia, entre outros. E a escola.

Colocada dessa maneira, a sala de aula merece reflexão, pois nela circulam diversos discursos, diversas possibilidades de produção de efeitos de sentido. As análises que estamos propondo visam a oferecer aos alunos elementos para discutirem as **Condições de Produção** dos enunciados apresentados. Dessa maneira, esperamos que a relação entre interpretação, sentidos e história ganhe visibilidade nas discussões em torno dos textos.

As Condições de Produção devem ser analisadas tanto em seu contexto mais imediato de produção do discurso: quem fala, o que para quem e quando; quanto em seu contexto social e histórico mais amplo. Elas são parte constitutiva da produção dos efeitos de sentido.

Analisar os fatos da língua a partir de suas condições de produção implica procurar as condições histórico-sociais nas quais eles foram produzidos, o que leva a uma análise do funcionamento da linguagem. Esperamos que olhar para as questões que estamos propondo, analisar a maneira pela qual o discurso produz efeitos de sentido, possa significar um deslocamento na relação dos alunos com a língua. Consideramos que esse deslocamento tem por consequência um deslocamento em sua relação com o mundo social.

Na perspectiva de relacionar a aula de Língua Portuguesa a outras disciplinas e a questões sociais, a grande contribuição das análises propostas é a possibilidade que os professores têm de mostrar duas questões. Em primeiro lugar, que os ensinamentos, sejam eles de cunho moral, ético, histórico, cultural ou social, se dão na materialidade da língua. Ou seja, que não há como separar a análise da língua, no nosso caso, a



Portuguesa, da análise de questões que dizem respeito à nossa sociedade. Em segundo lugar, o professor tem por desafio trabalhar com seus alunos essa relação intrínseca entre língua e sociedade: a língua tem um funcionamento, ela tem uma materialidade, decisivos para a constituição da organização da sociedade.

Para discutirmos com os alunos as duas questões colocadas acima, vamos trabalhar, com as atividades propostas nesse episódio, aspectos relativos à sociedade, à história, à filosofia, e como elas acontecem sobre a base material, que é a língua. Dessa maneira, pretendemos focalizar o fato de que estrutura linguística e efeitos de sentido estão relacionados, ou seja, em outros termos, que sintaxe e semântica têm relações intrínsecas no funcionamento da língua.

Há vários momentos de nossas análises em que retomamos categorias morfológicas e sintáticas, tal qual propostas pela gramática normativa. Queremos ressaltar que nosso objetivo foi mostrar seu funcionamento discursivo e, nesse sentido, gostaríamos que você, professor, nos acompanhasse nessa tarefa de levar os alunos a se preocuparem com o movimento da língua e não apenas com suas categorizações.

Procedimentos Sugeridos

Indicações gerais

No episódio III do programa de vídeo “Sinistros” são apresentadas diversas situações que servirão de contexto para discussões de fatos relativos ao funcionamento dos objetos simbólicos que compõem a Língua Portuguesa.

Esse episódio de 10 minutos vem acompanhado de 7 atividades pós-exibição e de seis jogos de software. As questões teóricas a respeito do funcionamento da Língua Portuguesa e sua relação com a sociedade serão desenvolvidas nas 7 atividades pós-exibição, apresentadas abaixo com as respostas que julgamos adequadas.

A última atividade pós-exibição é a proposta de um projeto de pesquisa, que poderá ser feito em grupo e que objetiva promover a integração daquilo que foi aprendido e estudado com o contexto social no qual o aluno está inserido. Essas atividades pós-exibição estão disponíveis para os alunos, separadas uma a uma, no site do MEC.

Após terem feito as atividades pós-exibição, os alunos terão a oportunidade de realizar



jogos de software. Esses jogos, também disponíveis no site ‘Portal do Professor’, são compostos por 30 questões, contendo 5 alternativas cada, cujos temas giram em torno daqueles propostos no episódio III de Sinistros e nas atividades pós-exibição que o acompanha.

Programa Sinistro

Episódio III - Procedimentos sugeridos

1. Apresentação o Filme de Vídeo

No Episódio III de Provérbios, os personagens Pedro e Carolina estão em uma biblioteca no início dos anos 1960 lendo jornais. Como cada um dos jornais tem orientação política diferente, Pedro e Carolina se deparam com diferenças nas reportagens e diferenças nas manchetes que introduzem as matérias. Uma das grandes diferenças está localizada na maneira pela qual são apresentados os recursos destinados à construção de estradas no Brasil. É a partir dessa questão que a história se desenrola.

Antes de apresentar o episódio de vídeo, seria interessante fazer um breve levantamento do conhecimento que os alunos têm do governo de Juscelino Kubitschek. Vale a pena lembrar que ele foi o presidente que construiu Brasília, que construiu estradas e é considerado aquele que promoveu a industrialização do país.

Em seguida, pode ser apresentado o episódio III de “Sinistros”. Esse episódio tem 10 minutos de duração.

Após assistirem ao vídeo sugerimos que seja feita uma breve retomada do que foi visto, e que seja colocada em discussão a diferença de interpretação que os jornais dão a um mesmo fato. Aliada a essa discussão, vale a pena apresentar aspectos relativos à censura, pois em regimes democráticos, é possível encontrar diferentes interpretações. Em regimes ditatoriais, por outro lado, geralmente a interpretação para os fatos é aquela determinada pelo governo, o que produz um efeito de homogeneidade.

2. As Atividades

As seis atividades apresentadas a seguir têm por objetivo apresentar e analisar uma questão discursiva relacionada ao episódio de vídeo. Elas são compostas:



- a. Por um texto que apresentará uma análise discursiva de fatos da língua; e
- b. Por exercícios que deverão ser realizadas pelos alunos. Esses exercícios demandarão uma pesquisa a ser feita pelos alunos por um fatos da língua que faz parte de seu cotidiano a ser analisado.

A sétima atividade é uma proposta de pesquisa, que poderá ser feita em grupo.

2.1 Conteúdo das Atividades

I. Posição-sujeito: gastos e investimentos

Objetivo: demonstrar que diferenças na materialidade da língua podem indicar diferentes posições-sujeito.

Justificativa: cotidianamente nos deparamos com acontecimentos sendo narrados de maneira diferente pelos sujeitos. Uma análise das diferenças entre os enunciados dá visibilidade a questões que envolvem posições-sujeito diferentes, e que estão relacionadas a relações de poder na sociedade.

II. Silenciamento e posição-sujeito

Objetivo: apresentar aos alunos aspectos do funcionamento da língua no que diz respeito especificamente à posição-sujeito do enunciador.

Justificativa: demonstrar para os alunos a importância de reconhecer, em uma análise que focaliza a materialidade da linguagem, a maneira pela qual sentidos são produzidos na relação do sujeito com a história que o interpela.

III. Silenciamento e censura: as Instituições

Objetivo: demonstrar como os sentidos estão ancorados às condições de produção de um discurso.

Justificativa: trabalhar, com os alunos, questões que dizem respeito à interdição de dizeres, feitas por grupos políticos ao tentarem se estabilizar no poder. Essa atividade visa colocar em cena estratégias de interdição de dizeres que são consideradas ameaçadoras ao poder vigente.

IV. Censura: proibido ler e/ou escrever

Objetivo: explicitar a importância da leitura para a divulgação de conceitos novos para um determinado grupo social.

Justificativa: colocar em evidência, a exemplo de obras e palavras proibidas durante o Brasil Colônia, o fato de que a leitura de textos é reconhecidamente de fundamental importância para grandes transformações sociais..





V. Polissemia

Objetivo: traçar considerações sobre a polissemia.

Justificativa: um dos imaginários a respeito da língua e das diversas formas de linguagem que circula com frequência na sociedade é que eles têm fixos. É importante demonstrar que os sentidos são determinados pelas suas condições históricas de produção, e que a polissemia é uma das grandes características dos objetos simbólicos.

VI. Paráfrase

Objetivo: demonstrar que há diversas formas de produzir sentidos que indicam o mesmo percurso.

Justificativa: produzir o efeito de paráfrase é uma característica muito importante a ser estudada, pois ela coloca em cena a multiplicidade de formulações possíveis para que o mesmo percurso de sentidos seja seguido.

3. Os Jogos de Software

Para o episódio III do programa de vídeo ‘Sinistros’ foram desenvolvidos jogos de software. O objetivo desses jogos é retomar as questões discutidas no episódio de vídeo e nas atividades pós-exibição. Como o jogo tem, antes de mais nada, um comprometimento com o ensino e a aprendizagem, para cada resposta errada há um comentário que fornece a resposta correta ao aluno. Os jogos de software foram projetados de tal forma que podem ser feitos fora do horário de aula.

Autores:

Carmen Zink Bolonhini (Coordenadora)
 Suzy Lagazzi (Coordenadora)
 Alan Febrão Parma
 Carolina Padilha Fedatto
 Cássia Cristina Furlan
 Cristiane Maria Megid
 Gissele Bonafé Costa
 Joice Mensato

Sugestões de Filmes

O Conde de Monte Cristo

Nome original: The Count of Monte Cristo - 1986

Distribuição: Buena Vista

Direção: Kevin Reynolds

Roteiro: Jay Volpert

Adaptação do livro homônimo de Alexandre Dumas



Edmond Dantés, marinheiro, foi preso injustamente. Em seu cativeiro recebe aulas do abade Faria, que lhe ensina a ler, a escrever, e lhe indica o local onde estava escondido um tesouro. Dantés consegue fugir da prisão, e retorna para se vingar daqueles que o haviam traído. Edmond Dantés é deslocado da posição de marinheiro para a posição de nobre devido ao poder dado pela erudição e pelo dinheiro. Dessa maneira, há uma valorização do saber para a transformação do personagem principal.

O Nome da Rosa

Nome original: *Der Name der Rose* - 1986 -

Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation

Direção: Jean-Jacques Annaud

Roteiro: Andrew Birkin, Gérard Brach, Howard Franklin e Alain Godard.

Adaptação do livro homônimo de Humberto Eco

O enredo do filme desenvolve-se na última semana de 1327. O local onde a ação se passa é um mosteiro situado na Itália, que possui uma biblioteca. Sete monges são assassinados em sete dias e um monge franciscano é o responsável pela investigação das mortes. O filme é interessante por mostrar a importância dos livros para os religiosos. Além disso, há uma reconstituição histórica do funcionamento de uma biblioteca medieval incluindo nessa reconstituição o trabalho de copistas e ilustradores.

Fahrenheit 451

1966

Direção: François Truffaut

Roteiro: Jean-Louis Richard

Adaptação do livro homônimo de Ray Bradbury

O enredo do filme desenvolve-se em um futuro, no qual os livros são proibidos por um regime totalitário, sob o argumento de que fazem as pessoas infelizes e improdutivas. Quem possui livros é preso, e os livros incendiados. Um bombeiro começa a guardar livros e a lê-los. Ele é denunciado, e foge para uma comunidade de homens-livros, formada por pessoas que decoram os livros para que eles fossem reescritos.

Sugestões de Romances

Dumas, A. *O Conde de Monte Cristo* Trad. André Telles e Rodrigo Lacerda Jorge Zahar ed.





Edmond Dantés, marinheiro, foi preso injustamente. Em seu cativeiro recebe aulas do abade Faria, que lhe ensina a ler, a escrever, e lhe indica o local onde estava escondido um tesouro. Dantés consegue fugir da prisão, e retorna para se vingar daqueles que o haviam traído. Edmond Dantés é deslocado da posição de marinheiro para a posição de nobre devido ao poder dado pela erudição e pelo dinheiro. Dessa maneira, há uma valorização do saber para a transformação do personagem principal.

ECO, U. *O Nome da Rosa* Trad BERNARDINI, A. F. NOVA FRONTEIRA 1983

É feita uma reconstituição minimalista do modo de vida dos religiosos confinados em monastérios durante o século XIV, na Itália. Suas crenças, seus hábitos, e seu envolvimento com a leitura e com a biblioteca do monastério são apresentadas conjuntamente com uma discussão em torno do direito de ler e de interpretar as obras religiosas.

Bibliografia comentada

Apresentamos, abaixo, uma relação comentada de obras que foram referência para a elaboração do quadro teórico descrito acima. Nelas são trabalhados e discutidos os conceitos da área de Análise do Discurso nos quais nos baseamos para a produção desse material didático e para a escrita desse guia do professor.

- 📖 BONDANCE ROCHA, D. C. “O Cotidiano de leitura nos dez primeiros anos da Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro (1833 -1843) Romance - A preferência dentre as obras de BELLASLETRAS” em **LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO** - Maio/2007 - Vol. II Revista Eletrônica Graduação IEL.
- 📖 CUNHA, Lauro José da. *O processo discursivo de designação de pessoas: a determinação histórico-social do nome próprio*. 253f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

Estudo sobre o processo de nomear dentro da Instituição família.

- 📖 _____(2008) “ O processo de discursivo de designação” em *Discurso e Ensino A Língua Inglesa vai à escola* Mercado de Letras Campinas.

O autor faz análise discursiva de nomes que contém materialidades que remetem à língua inglesa.

- 📖 GADET, F.& M. Pêcheux (2004). *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Tradução: Mariani e Mello, Editora Pontes, Campinas, São Paulo.



Os autores desenvolvem reflexões a respeito da história da lingüística, focalizando a ideologia, a história e o sujeito.

- 📖 GUIMARÃES, E.. “Política de Línguas: Língua Oficial”. Enciclopédia Brasileira de Línguas.
 <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua_nacional.htm>. Online.
 2003.
 Acesso em: 04 de maio, 2006.

Enciclopédia virtual que reúne dados sobre as línguas praticadas no Brasil.

- 📖 GUIMARAES, E. “Apresentação Brasil: país multilíngüe”. *Cienc. Cult.* [online].
 Abril/Junho 2005, vol.57, no.2, p.22-23.
 <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200014&lng=en&nrm=iso>. Online. Acesso em: 27 de junho de 2006.

O autor discute a relação entre o Brasil e as línguas que são faladas por aqui, abordando as questões de linguagem e política.

- 📖 HAROCHE, C. (1992) *Fazer dizer, querer dizer*. Trad. de E. P. Orlandi. São Paulo: Hucitec.

A autora interroga os fundamentos e o papel da determinação na gramática fazendo uma discussão sobre os modos como alguns importantes teóricos (Émile Benveniste e Michel Pêcheux, por exemplo) consideram o sujeito na linguagem e na história.

- 📖 ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1996

Livro que apresenta reflexões teóricas desenvolvidas a partir de diferentes análises de discursos.

- 📖 _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

A autora desenvolve reflexões a respeito do silêncio e suas diversas formas, incluindo nelas o silenciamento. Obra fundamental para todos interessados em questões relativas à linguagem.

- 📖 ORLANDI, E. P. (1999) *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6a. ed. Campinas: Pontes, 2005.

O livro apresenta uma introdução ao estudo da Análise de Discurso de linha francesa, apresentando seus principais conceitos teóricos. Livro importante por reunir diversos conceitos e explicá-los para iniciantes na área.

- 📖 _____ & LAGAZZI, S. (2006) *Discurso e texto* Campinas: Pontes .





O livro contém textos de diversos autores apresentando o conjunto de conceitos teóricos trabalhados dentro do domínio da Análise de Discurso.

PÊCHEUX, M. (1983). O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

O autor promove reflexões a respeito da relação entre a materialidade da linguagem e o acontecimento discursivo. O autor mostra, nesse livro, o movimento que se dá entre o processo de descrição e o processo de interpretação no trabalho do analista de discurso.

PÊCHEUX, Michel. (1969) Análise automática do discurso (AAD69). In GADET, F. e T. HAK (orgs.) (tradução de Betânia Mariani [et. alii.]) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp. (1997)

Textos de Michel Pêcheux e de outros autores são reunidos de forma a retomar o percurso histórico da disciplina de Análise de Discurso iniciada na França na década de 60. O livro aborda períodos de formulação e reformulação da teoria discursiva até a década de 80.

_____ (1988). Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. (Tradução de Eni Pulcineli Orlandi [et alii.]) Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

O autor desenvolve uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimentos científicos e sobre a questão da prática política, com base em estudos da semântica que considerem a linguagem como o lugar onde se dão os processos discursivos (históricos e ideológicos)

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (1969). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, Pp. 163-252.

Texto de leitura obrigatória para analistas de discurso. Os autores introduzem conceitos e promovem revisões de outros, tendo em vista o estado da arte da época.

Sites Consultados

<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>

http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/galleries/downloads/textojaqueline.pdf (consulta: 1/07/2009 - 19 h 14 min.)



http://www.coladaweb.com/diversos/o_nome_da_rosa.htm (consulta: 1/07/2009 - 19 h 03 min.)

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Calimaco.html> (consulta: 1/07/2009 - 18 h 25 min.)

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/002.htm> (consulta: 1/07/2009 - 19 h 37 min.)

http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=4455 (consulta: 1/07/2009 - 19 h 52 min.)

<http://livroseafins.com/2009/03/13/quem-incendiou-a-biblioteca-de-alexandria/> (consulta: 1/07/2009 - 20 h 07 min.)

<http://www.ebookcult.com.br/ebookzine/alexandria.htm> (consulta: 1/07/2009 - 20 h 09 min.)

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/museu/biblioteca.htm> (consulta: 1/07/2009 - 20 h 14 min.)

<http://tipografos.net/historia/gutenberg.html> (consulta: 1/07/2009 - 20 h 52 min.)

<http://tipografos.net/livros-antigos/b-42.html> (consulta: 1/07/2009 - 21 h 14 min.)





